

## RUA ANATOLE FRANCE

Decreto nº 5943 de 16-01-1980, Artigo 1º, Inciso I  
 Formada pela rua 5 do Jardim São Marcos  
 Início na rua Dr. Oswaldo Rezende  
 Término na rua Dr. Luiz Aristeo Nucci  
 Jardim São Marcos

Obs.: Decreto assinado pelo Prefeito Municipal  
 Francisco Amaral. Protocolado nº 31.765 de 29-10-1979, em nome de Co-  
 missão de Nomenclatura de Vias e Logradouros Públicos.

## ANATOLE FRANCE

Anatole France, pseudônimo de Jacques Anatole François Thibault, nasceu em Paris, França, a 16-abril-1844 e faleceu em Tours, França, em 12-outubro-1924. Foi escritor, ensaísta e crítico literário francês. Pertenceu à Academia Francesa e em 1921, recebeu o Prêmio Nobel de Literatura. Desde jovem revelou sua paixão pela leitura. Publicou seu primeiro livro em 1869 "A Lenda de Santa Radegunda", que não teve boa receptividade. Seu sucesso, alcançou com a novela "O Crime de Silvestre Bonnard", seguindo-se de outros êxitos. Foi o criador do célebre M. Bergeret, personagem central de "L'Orme du Mail" e outros dessa série. Como jornalista, foi redator-chefe do "Le Temps". Passou pela política, ocasião em que associou-se à campanha de Emile Zola no "Affaire Dreyfus" e já no fim da vida, dá seu apoio aos socialistas e comunistas. Em 1909 esteve no Brasil, oportunidade que veio até Campinas, aqui chegando na manhã de 07-agosto. À imprensa o festejado escritor declarou que foi até à Fazenda Santa Gertrudes à passeio. Acompanhavam entre outros o ilustre visitante o dr. Francisco Monlevade, Luiz de Almeida Nogueira, Alfredo Pujol, José Verissimo Filho. Na cidade aguardavam-no Alberto de Faria, Raul Soares de Moura, Antônio de Souza Moraes, Roque Mlilo e Victor Brennessein. Visitou a sede do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas, sendo ali saudado pelo dr. Francisco de Araújo Macarenhas e pelo jornalista Horta Barbosa. Sem dúvida, uma visita importante para a cultura campineira, já naqueles dias expandindo-se pelo Brasil, para onde levava os nomes de seus filhos mais ilustres.

DECRETO N.º 5943 DE 16 DE JANEIRO DE 1.980.

## DÁ DENOMINAÇÃO A VIAS PÚBLICAS DO MUNICÍPIO DE CAMPINAS

O Prefeito Municipal de Campinas, usando das atribuições que lhe são conferidas pelo item XIX do artigo 39 do Decreto-Lei Complementar Estadual n.º 9, de 31 de dezembro de 1.969 (Lei Orgânica dos Municípios);

## D E C R E T A :

Artigo 1.º – Ficam denominados as seguintes vias públicas do Jardim São Marcos, do Jardim Campineiro e da Vila Marieta:

- I – RUA ANATOLE FRANCE a Rua 5 do Jardim São Marcos, com início na Rua 14 e término na Rua 11 do mesmo loteamento;  
 II – RUA PROF.ª HERMINIA RICCI a Rua 8 do Jardim São Marcos, com início na Rua 2 e término na Rua 11 do mesmo loteamento;  
 III – RUA MARÇONI GUGLIELMO a Rua 3 do Jardim São Marcos, com início na Rua 14 e término na Rua 12 do mesmo loteamento;  
 IV – RUA ROBERTO BUENO TEIXEIRA, a Rua 9 do Jardim São Marcos e Rua 7 do Jardim Campineiro, com início na Rua 1 do Jardim São Marcos e término na Avenida 1 do Jardim Campineiro;  
 V – RUA MONSENHOR LANDELL DE MOURA a Rua 11 do Jardim Campineiro e Rua 7 do Jardim São Marcos, com início na Avenida 1 do Jardim Campineiro e término na Rua 6 do Jardim São Marcos;  
 VI – RUA OZUALDO RODRIGUES a Rua 6 do Jardim Campineiro, com início na Rua 7 e término na Rua 4 do mesmo loteamento;  
 VII – PRAÇA POEMA COLOMBO a praça situada na Vila Marieta entre as Ruas Espedicionário Renato Fussi, Rua Joseph Cooper Reinhardt e Rua João Egidio.

Artigo 2.º – Este decreto entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

PAÇO MUNICIPAL, 16 de Janeiro de 1.980.

DR. FRANCISCO AMARAL  
 Prefeito Municipal de Campinas

DR. CARLOS SOARES JÚNIOR  
 Secretário dos Negócios Jurídicos

ENG.º DARCY STRAGLIOTTO  
 Secretário de Obras e Serviços Públicos

Redigido na Consultoria Técnico-Legislativa da Secretaria dos Negócios Jurídicos, com os elementos constantes do protocolado n.º 31765, de 29 de Outubro de 1.979, e publicado no Departamento do Expediente do Gabinete do Prefeito, em 16 de Janeiro de 1.980.

DECRETO N.º 5944 DE 16 DE JANEIRO DE 1.980.

## DENOMINA DOM JOAQUIM MAMEDE DA SILVA LEITE UMA VIA PÚBLICA DO MUNICÍPIO DE CAMPINAS.

O Prefeito do Município de Campinas, usando das atribuições que lhe são conferidas pelo item XIX do artigo 39 do Decreto-Lei Complementar Estadual n.º 9, de 31 de dezembro de 1.969 (Lei Orgânica dos Municípios),

## D E C R E T A :

Artigo 1.º – Fica denominada AVENIDA DOM JOAQUIM MAMEDE DA SILVA LEITE a Avenida 12 do Jardim do Lago, com início na Avenida das Amoreiras e término na mesma Avenida.

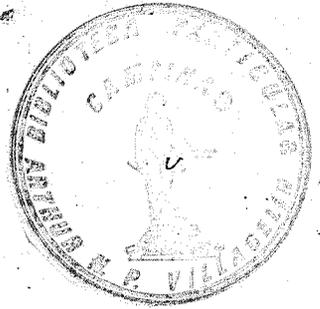
Artigo 2.º – Este decreto entra em vigor na data de sua publicação revogadas as disposições em contrário.

PAÇO MUNICIPAL, 16 de Janeiro de 1.980.

DR. FRANCISCO AMARAL  
 Prefeito Municipal de Campinas

Redigido na Consultoria Técnico-Legislativa da Secretaria dos Negócios Jurídicos, com os elementos constantes do protocolado n.º 26041, de 3 de setembro de 1.979, e publicado no Departamento de Expediente do Gabinete do Prefeito, em 16 de Janeiro de 1.980.

DR. ITAGIBA D'ÁVILA RIBEIRO  
 Secretário-Chefe do Gabinete do Prefeito



MARÇONI



## RUA ANATOLE FRANCE

ANATOLE FRANCE, romancista, crítico, historiador, ensaísta e poeta francês, nasceu em Paris em 16-04-1844 e morreu em La Bechellerie, perto de Tours, em 12-10-1924. Iniciou a carreira literária como crítico, escrevendo um estudo sobre Alfred de Vigny, 1868. Depois publicou os seus dois únicos livros de versos: "Poemas Dourados", 1873, e as "Núpcias Coríntias", 1876. Foi crítico literário de "Le Temps", 1888-92, tornando-se membro da Academia Francesa, 1896. Juntamente com Emile Zola e outros, fez a defesa de Alfred Dreyfus, 1898-99. Visitou o Brasil, 1919, e foi agraciado com o Prêmio Nobel de Literatura, 1921. Nos seus livros e especialmente nos seus romances, France deixa entrever uma ironia delicada que, sob as mais graciosas exterioridades, mal dissimula o seu ceticismo. Publicou as obras: "O Crime de Silvestre Bonnard", 1881; "O Livro do Meu Amigo", 1885; "Taís", 1890; "O Estôjo de Nácar"; "As Opiniões de Jérôme Coignard", 1893; "O Jardim de Epicuro", 1894; quatro volumes do que ele intitulou "História Contemporânea", 1896-1901, dos quais o mais famoso é o último, que foi publicado sob o título de "O Sr. Bergeret em Paris", 1901; "Vida Literária", série de críticas reunidas em quatro volumes, 1889-90; "Anel de Ametista", 1899; "Moças e Moços"; "Clio", contos; "Crainquebille", de que mais tarde extraiu uma comédia; "O Partido Negro"; "A Igreja e a República"; "Historia Cômica"; "O Lírio Vermelho", 1903, a sua obra prima; "Sobre a Pedra Branca", 1905, dois volumes em que reuniu artigos e opúsculos esparsos; "A Vida de Joana D'Arc"; "A Ilha dos Pinguins", 1908; "Os Deuses têm Sêde", 1912; "A Revolta dos Anjos", 1914, etc.

Seu verdadeiro nome era Jacques Anatole Thibault.

(Extraído de fls. 327, do Volume 9, da Enciclopédia Brasileira Mérito, 1959)

(Denominação dada pelo Decreto 5943, de 16-janeiro.1980, à rua Cinco do Jardim São Marcos, com início na rua 14 e término na Rua Monsenhor Landell de Moura, antiga rua 11 do mesmo loteamento).

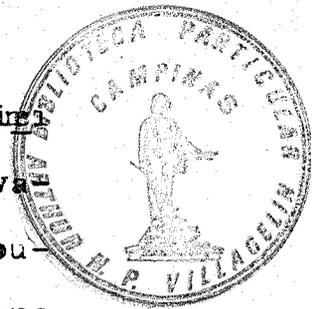
## RUA ANATOLE FRANCE

Pouca gente ou quase ninguém sabe que a famosa Campinas de fins de século foi visitada por personagens das mais eminentes da literatura universal, quando não pelas brasileiras que honraram a cidade com suas presenças. Está nesse caso o desta que que damos ao renomeado Anatele France (ou Antatélio) que era tão somente um pseudônimo de Jacques <sup>JACQUES ANATOLE FRANÇOIS THIBAUT</sup> ~~Antaélio~~ Thibaud, literato francês, nascido em Paris em <sup>16.04.</sup> 1844. France deu se primeiro a conhecer pela publicação de dois volumes de versos cheios de graça: Os poemas dourados (1873) e a Nupcias Cerintias (1876) Desde essa época somente escreveu prosa, como o crime Sylvestre Bernard (1881) coreado pela Academia Francêsa; O livro de meu amigo (1885) Thais (1890) três volumes da Histeria -- Centemperânea (1897-1899) e mais quatro volumes de crítica (1889-1890) Annel de Amethysta (1899), além de inumeros outros volumes que enriqueceram as bibliotecas de todo o mundo, vertidas para as línguas de toda Pais. Quando passou pela nossa cidade, os jornais noticiaram sua visita, pois que aqui esteve quando chegou em trem especial ás 9,10 minutos da manhã em 7 de agosto de 1909. O festejado escritor, disse nessa imprensa, aqui esteve, foi até a fazenda Santa Gertrudes e passou dali regressando em companhia dos drs. Francisco Monlevade, Vitor Freire, Luiz de Almeida Nogueira, Alfredo Pujol, Eugenio Egas, Almeida Nogueira, José Verissimo Filho além de outras personagens de mundo cultural nacional. Na cidade aguardava e Alberto de Faria, futuro acadêmico da Brasileira de Letras; dr. Raul Seares de Moura, futuro presidente de Minas Gerais e naquele ano prometer publico em nossa cidade, Antão de Sousa Moraes, destacado homem de profunda cultura juridica, campineiro; Henrique Burnier, Vitor Brennessein, Roque Melile, que deos anos mais tarde a biblioteca publica que tem seu nome ali nos fundos do Palacio dos Jequitibás. Na sede do Centro de Ciências-Letras e Artes notavel escritor frances foi saudado pelo dr. Francisco de Araujo Mascarenhas e pelo jornalista Herta Bar-

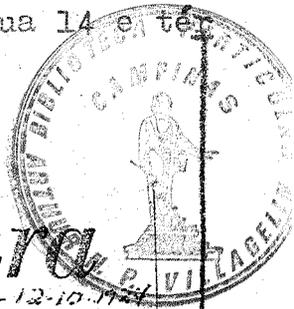


fls.2

Como se vê uma visita muito importante para a cultura campineira, já naqueles dias expandindo-se pelo Brasil para onde levava os nomes de seus filhos mais ilustres. Poeta, romancista e crítico, Anatole France não fez mais em todas suas obras do que descrever-se a si mesmo, ou, antes, as aventuras de sua alma. Tomou sucessivamente as atitudes mais diversas, sem jamais se fixar numa delas. Nenhum título oficial ou bem definido cabe - eu fui aceite por Anatole, e jamais ambicionei o de crítico - eu de romancista. Passeiava ele seu espírito pelo mundo, numa ironia delicada que sob as mais graciosas exterioridades mal dissimula o seu desdém, e fê-lo apenas ver formas vazias, mas o artista goza de todas elas. Em 1896, depois de ter publicado mais uma série de bons livros, Anatole France foi escolhido e eleito membro da Academia de Letras da França.



(Denominação dada pelo Decreto 5943, de 16-janeiro-1980, à rua 5 do Jardim São Marcos, com início na rua 14 e término na Rua 11 do mesmo loteamento)



# Esquecido, Anatole perdura

N. PARIS - 16-4-1844 - F. EM LA BECHERIE, perto de Tours - 12-10-1924

NILO SCALZO

"Ele é eloquente, fino, elegante. É o triunfo do eufemismo. Mas não tem inquietude; a gente o esgota de uma só vez. Não acredito muito na sobrevivência de pessoas a respeito das quais todo o mundo está de acordo". Assim se referia André Gide a Anatole France, quando ainda era grande o prestígio do autor de "Le Crime de Sylvestre Bonnard". Decorridos 50 anos da morte do célebre escritor, parece que o romancista de "Os Moedeiros Falsos" estava com a razão, pois a popularidade de que gozava, no fim do século passado e nas três primeiras décadas deste, começou a declinar, restando hoje uma pálida lembrança da figura fulgurante, cujas tiradas brilhantes marcaram mais da metade de uma centuria. Como seu personagem, o verdureiro Jérôme Crainquibille, "cabisbaixo, cambaleando, desapareceu na escuridão chuvosa da noite". Anatole France morreu dia 12 de outubro de 1924.

Nascido em 1844, em Paris, filho de um vendedor de livros nas margens do Sena, Anatole François Thibault, literariamente Anatole France, também filho espiritual de Voltaire e Renan, criou com o ceticismo alimentado nos gregos e latinos e vazado num estilo brilhante, uma verdadeira legião de admiradores.

Sua influência não se limitou às letras francesas, mas a todas as demais literaturas. Em carta a ele dirigida diz H. G. Wells: "Pode-se dizer que o senhor exerceu sobre a literatura inglesa uma influência bem maior do que aquela de suas obras sobre as letras francesas". No Brasil e em Portugal, o espírito do anatolismo dominou gerações, a ponto de provocar uma reação, da parte dos surrealistas na França e dos chamados escritores modernos entre nós. "Tempo houve, em que sentimos a necessidade de reagir contra a admiração descomedida que a obra de Anatole France ateou, como fogo em palheiro, entre os homens da nossa geração. Pois, se ele mesmo dera o exemplo da medida...", diz Augusto Meyer, que acrescenta: "Sei dizer que era um feitiço, uma coqueluche, uma deliciosa peste o anatolismo. Todo mundo usava então no corcuto das idéias um barrete de vovô irônico: mal o amigo mais escanhecado abria a boca para falar, crescia-lhe no queixo uma barbicha de fauno, e deslizavam todas as frases com uma cautela fôfa de pantufas pisando em tapete".

Era o tempo em que, em São Paulo, as obras de Anatole France, em volumes encadernados, ocupavam as prateleiras da Casa Garraux e faziam as delícias dos espíritos refinados, malgrado a crítica dos modernos que "chasqueavam

dos brasileiros que iam lê-lo na fazenda: um escritor falsandé, expressão típica da civilização européia, jamais poderia ser compreendido entre mutucas e borrachudos".

## PASSAGEM PELO BRASIL

Conta Brito Broca que ao passar pelo Rio, a 17 de maio de 1909, o navio que conduzia Anatole France a Buenos Aires, Luis Edmundo, então repórter do "Correio da Manhã" fez uma tentativa malograda de entrevistar o escritor, que se encontrava doente e não podia receber ninguém, nem mesmo alguns membros da Academia Brasileira de Letras que subiram a bordo. Na manhã seguinte, os acadêmicos conseguiram levar o escritor a dar um passeio pela cidade. Em seu livro "Itinéraire de Paris à Buenos Aires" Jean-Jacques Brousson, então secretário de Anatole, descreve o encontro do escritor com os representantes da Academia, aos quais se refere com nomes inventados. Diz que nunca vira uniformes tão dourados, espadas, penachos e botões de metal grandes como escudos. Ao apresentarem o "amiral Jazagóie" ao mestre este exclama: "Almirante, o senhor é um herói..." e depois voltando para o secretário lhe segreda ao ouvido: "Por definição, um almirante é um herói... Um general também". A outro que lhe apresentam como "nosso romancista nacional", Anatole, abraça-o efusivamente e diz: "Ah! senhor. Posso enfim estreitar nos meus braços o Balzac do Brasil?".

Depois de um passeio pela cidade — prossegue o relato de Brito Broca — Anatole é conduzido ao Hotel dos Estrangeiros, onde lhe servem um petit déjeuner. Em seguida é recebido, em sessão solene, na Academia, onde Ruy Barbosa o saudava em francês, louvando-lhe a pureza de estilo, sem poupar-lhe, contudo, a impureza do fundo. O escritor agradece em poucas palavras aludindo ao fato de no Brasil não haver, como na Inglaterra, preconceitos de raça, considerando Ruy Barbosa campeão da "possibilidade da paz universal".

Almoça com o Barão do Rio Branco no Itamaraty, e prossegue viagem para Buenos Aires, de onde regressa novamente ao Rio, a 22 de julho, para proferir duas conferências no Teatro Municipal. No dia 4 de agosto, acompanhado de José Veríssimo, vem a São Paulo, onde o aguardava uma brilhante marche aux flambeaux organizada pela mocidade acadé-

mica com a participação de alunos de todos os estabelecimentos secundários e superiores da Capital e da banda de música da Força Pública. Profere no Teatro Sant'Ana, com a presença de todo o mundo oficial e de numeroso público, uma conferência sobre Pierre Lafitte, philosophe de bonne humeur.

## AS CONTRADIÇÕES

Foi ano a ano seguinte ao de sua morte, que apareceu o livro Indiscreto e irreverente de Jean-Jacques Brousson, Anatole France en Pantoufles, causador de grande escândalo aqui e na Europa, em que, no dizer de Augusto Meyer, o mestre aparecia aos olhos atônitos de seus admiradores como um Voltaire-mirim. Surgem as críticas mostrando que o célebre estilista recorria com frequência à técnica do pastiche, para cobrir com isso a invariável ausência de inspiração. Seus três princípios básicos — clareza, clareza, clareza — escondiam para os surrealistas uma total pobreza de conteúdo.

Bem pesadas as coisas e malgrado o desprezo que lhe votaram os modernos, esse escritor que mantinha o gosto pelo jogo das idéias, o sentido do real e do relativo, uma especie rara de amador de curiosidades filosóficas, a quem deicitavam as reflexões sobre a conduta dos homens, bem à seculo XVIII, tinha, em contrapartida, o espírito de um polemista que não hesita em tomar partido, a favor dos mais fracos, contra as instituições sociais dominantes, a ponto de ser tido por anarquista. Seguidor de Pirro e de Epicuro (tudo é só aparência, tudo é vão, mas se deve, ao menos, gozar a aparência), consegue, no entanto, fundir seu ceticismo com certa piedade, certo sentimento de justiça, que se chocam, por sua vez, com seu pessimismo declarado. "Pirro só crê nas aparências — diz. Entretanto, vendo uma trave a cair, o filósofo fugirá dela, para não tomar num instante a aparência de um homem esmagado".

No meio dos acontecimentos, associa-se à campanha de Zola no Affaire Dreyfus, lança-se às lutas políticas, dá seu apoio aos socialistas e aos comunistas, já no fim da vida. Recebe o Premio Nobel 1921, após consagrar-se surpreendentemente a reviver suas reminiscências de infância reunidas em Le Petit Pierre e La Vie en Fleur.

Seu ceticismo, banhado em ironia, perdura na obra e na concepção de vida de muitos escritores que permanecem anatolianos muitas vezes sem o saber.



O escritor teve também seguidores no Brasil

## RUA ANATOLE FRANCE

Decreto nº 5943 de 16-01-1980

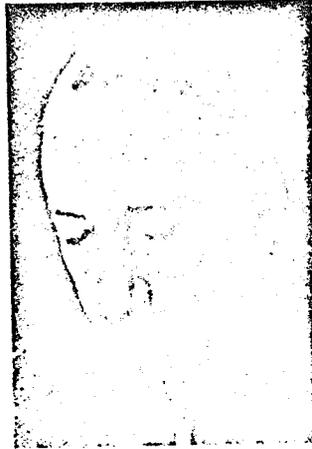


## FRANCE, ANATOLE

12

□ Jacques Anatole François Thi-  
bault nasceu em Paris, França, a  
16 de abril de 1844, e morreu em  
Tours, França, a 13 de outubro de  
1924.

Escritor, ensaísta e crítico literário  
francês, Prêmio Nobel de Literatu-  
ra. Pertenceu à Academia France-  
sa. Escrevia sob o pseudônimo de  
Anatole France.



Estudou no Colégio Stanislas.  
Desde jovem revelava sua paí-  
xão pela leitura, que conse-  
guiu desenvolver trabalhando  
na Editora Lemerre e, tam-  
bém, como bibliotecário do  
Senado. Publicou seu primei-

ro livro *A Lenda de Santa Rade-  
gunda* (1869), não encontran-  
do nenhuma receptividade. O  
sucesso veio com a novela *O  
Crime de Silvestre Bonnard*  
(1881). Seguiram outros su-  
cessos, tornando-se famoso.  
Em 1896 foi eleito membro da  
Academia Francesa. Suas  
obras são impregnadas de su-  
til humorismo e fina ironia,  
num estilo clássico, suave, fá-  
cil. Aguçado espírito crítico,  
respondeu pela coluna de  
crítica literária do *Le Temps*,  
onde ocupou o cargo de reda-  
tor-chefe. Chegou a participar  
da política manifestando  
idéias socialistas e esteve en-  
volvido no célebre caso Drey-  
fus. Autor dos mais importan-  
tes na história da Literatura  
francesa, foi traduzido em  
quase todo o mundo. Recebeu  
o Prêmio Nobel de Literatura  
em 1921. Anatole France  
criou o conhecido M. Berge-  
ret, personagem central de  
*L'Orme du Mail* (1897); *Le  
Mannequin d'Osier* (1897);  
*L'Anneau d'Améthyste* (1899) e  
*Monsieur Bergeret à Paris* (1901).  
Outras obras de destaque: *O  
Livro de Meu Amigo* (1885);  
*Thais* (1890); *Vida Literária*  
(1888-1892); *O Livro Roxo*  
(1894); *Pierre Nozière* (1899); *A  
Vida de Joana D'Arc*; *A Ilha dos  
Pinguins* (1908); *Os Deuses Têm  
Sede* (1911); *A Revolta dos Anjos*  
(1914); *O Pequeno Pierre*  
(1918); *Vida em Flor* (1922) etc.

anpv/08/83

(Extraído de página 191 do fascículo nº 20 do "Dicioná-  
rio Biográfico Universal Três", 2º volume, da Três Li-  
vros e Fascículos Ltda, S. Paulo, Brasil, 1ª edição, a-  
gosto de 1983)